

Feira de matemática e o dispositivo de biopoder: os atravessamentos

Resumo:

Este resumo é fruto de uma pesquisa de mestrado em andamento e configura-se como um ensaio teórico. Propõe-se a fazer uma análise da Feira de Matemática a partir da perspectiva de Michel Foucault, compreendendo-a como dispositivo de Biopoder. Nessa perspectiva, a produção de conhecimento e a avaliação das habilidades dos alunos e professores, são reguladas por normas e práticas que estão embutidas em uma rede de poder que não é visível ou explícita, mas ainda assim, potencial na formação das práticas de educação matemática. Perspectivamos como essa Feira, enquanto evento que envolve o conhecimento matemático, opera como mecanismo de controle e normatização das práticas e da produção de saberes matemáticos. Ao abordar a normatização do saber, o trabalho discute como certos tipos de conhecimento matemático são legitimados enquanto outros são marginalizados, e como as expectativas sociais e educacionais influenciam o desempenho dos participantes.

Palavras-chaves: Poder. Controle Social. Normas Educacionais. Vigilância. Conhecimento matemático.


1 Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado em andamento e configura-se como um ensaio teórico, em que se propõe uma análise inicial da Feira de Matemática (FMat), perspectivando-a como um dispositivo de Biopoder. Com base em Barbosa (2018), entende-se o ensaio teórico como uma modalidade de investigação fundamentada em argumentação lógica, crítica e coerente sobre determinado tema, sem necessariamente recorrer a coleta de dados empíricos.

Assim, debruçou-se sobre artigos publicados que discorrem tanto sobre a Feira de Matemática quanto conceitos de Michel Foucault, para argumentar e conjecturar que a Feira pode ser considerada como um dispositivo. As análises foram feitas de modo que houvesse entrelaçamentos entre suas ideias e a fim de perceber as relações entre a FMat e os dispositivos de Biopoder, classificando-a como um desses dispositivos. Assim, o objetivo do resumo é discutir como a FMat constitui-se como


Jacqueline Nascimento de Souza

Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, BA – Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-7244-380X>
✉ jacqueline.kelle15@gmail.com

Flávia Cristina de Macêdo Santana

Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, BA – Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-4685-3140>
✉ fcmsantana@uefs.br

Recebido • 04/04/2025

Aprovado • 05/06/2025

Publicado • 08/08/2025

Comunicação Científica

dispositivo de Biopoder. Para isso, foram mobilizadas ferramentas teóricas metodológicas de Michel Foucault, em diálogo com a literatura da área de Educação Matemática.

De acordo com Michel Foucault, a sociedade produz conhecimento, o qual pode ou não ser considerado como válido, se consideradas as relações de poder que o circundam. Sendo assim, o poder atravessa os sujeitos, com a finalidade de dirigir-lhes as condutas, aprimorá-los, adestrá-los ou transformá-los (Foucault, 2017). O autor também argumenta que os sujeitos são atravessados por discursos que relacionam-se a um conjunto de enunciados que produzem conhecimento, ou seja, há um sistema de regras que define o que é dito, como pode ser dito e quem tem autoridade para dizer. Nesse sentido, os discursos “não são somente um apanhado de sentidos produzidos por palavras” (Fogaça; Wanderer, 2024), mas estão relacionados com práticas que regulam como os sujeitos pensam, agem e se constituem enquanto sujeitos.

Assim sendo, o poder está em toda parte, é exercido como uma rede, uma relação de forças que atravessa os sujeitos (Foucault, 1999; 2014). Ele não está localizado em uma única instituição ou classe dominante, não é um sujeito único que o detém, mas ele, o poder, atravessa todos os aspectos da sociedade, e por que não dizer que ele também se manifesta na esfera educacional, influenciando os conhecimentos que são ou não legitimados?

Santana, Menduni-Bortoloti e Giraldo (2024) argumentam que o poder pode excluir, reprimir, censurar e mascarar, além de ter eficácia produtiva e riqueza estratégica. Por esse motivo, manifesta-se nas microrrelações que o envolve. Foucault (1999, p. 35) explica que

O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apossado como uma riqueza e um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários.

Pode-se perceber, então, que na concepção foucaultiana, o poder é algo relacional, descentralizado e produtivo. Diferentemente da visão tradicional, que entende o poder como um objeto estático, localizado em instituições ou detido por grupos específicos. O poder está na ação e, como consequência, as reações o permeiam, sendo que uma dessas reações é a resistência. Para Foucault (2018), resistência não é simplesmente um ato de oposição direta ao poder, mas algo que está intrinsecamente ligado ao próprio funcionamento do poder. Ele afirma que onde há relações de poder, também há formas de resistência, pois o poder nunca é absoluto ou unilateral.

Grilo, Barbosa e Maknamara (2021, p. 13) tomam o poder como “uma instância produtiva, fabricante de subjetividade”. Nesse caso, o poder age produzindo sujeitos e um exemplo disso é como o sujeito-professor(a)-de-Matemática se constitui à medida em que

torna a Matemática acessível aos estudantes; diminui a incidência de erros dos estudantes; é atento aos fatores externos a prática pedagógica; é responsável pelo desempenho dos estudantes em teste padronizados; é responsável por suas

escolhas profissionais; submete-se ao exame, enquanto instrumento que escrutina a prática pedagógica para fornecer informações a Políticas Públicas; articula teoria e prática; e promove o desenvolvimento do seu país (Grilo; Barbosa; Maknamara, 2021, p. 14).

Esse trecho refere-se a um dispositivo que regula a prática vinculada à Matemática. As várias funções atribuídas ao professor e à prática, estão imersas em um conjunto de normas e exigências que não apenas definem o que é ser professor de Matemática, mas também como ele deve atuar, o que ele deve alcançar e como sua prática deve ser validada. Esse é um exemplo de como o poder atravessa e molda os sujeitos, que aqui se apresentam como professores de Matemática.

Uma das maneiras atuais de exercício do poder é o que Michel Foucault denominou de Biopoder. Essa é uma das formas mais importantes do poder moderno, referindo-se ao controle sobre a vida e os corpos da população (Foucault, 2012). Esse poder opera de duas maneiras principais, sendo elas a disciplina dos corpos e a biopolítica. Ele investe sobre a vida, focalizando em sua gestão: controla, regula e normatiza os corpos e populações para garantir produtividade e ordem. Manifesta-se por meio de instituições como escolas, hospitais, prisões e fábricas (Bertolini, 2018).

Nas escolas, por exemplo, o biopoder se expressa na organização da vida estudantil, no controle dos corpos e na regulação dos estudantes e demais profissionais da educação. Esse poder, porém, não é apenas repressivo, mas também produtivo, pois cria padrões de normalidade e influencia a formação dos sujeitos, por meio das atividades e projetos que promove, como por exemplo, as Feiras de Matemática (Bertolini, 2018).

Neste estudo, propõe-se perspectivar a FMat como dispositivo de biopoder, com base em Foucault (2018, p. 364), que diz que o dispositivo é “um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. Nesse sentido, considerando que a Feira é constituída pelas relações entre sujeitos, instituições e possui regulamentos que a orientam, ela pode ser considerada como um exemplo desse tipo de estrutura (dispositivo de Biopoder), desempenhando papel na formação e na constituição dos sujeitos.

2 A Feira de Matemática como dispositivo de biopoder

A Feira de Matemática é um evento voltado para a área da educação e pode ser entendida como um evento de cunho didático-científico, que tem o objetivo de tornar a Matemática mais acessível, ao transformar atividades escolares e proporcionar a participação efetiva de toda a comunidade escolar (Zerminai, 1996). Como fruto de uma parceria entre a Educação Básica e o Ensino Superior, a Feira pode ser realizada em redes públicas e privadas de ensino e mobiliza as pessoas da comunidade em que estão envolvidas (Regimento, 2018). É constituída por discursos: regimentos, comissões e sistema de avaliação, que a tornam diferente de outras feiras científicas e, portanto, é um espaço em que há a possibilidade de construção e legitimação de conhecimento (Foucault, 2008).

A FMat busca uma gestão democrática, a fim de que haja um ambiente marcado pela participação colaborativa entre seus participantes, no entanto, ao ser atravessada por discursos que regulamentam e orientam a participação dos sujeitos nesses espaços, nem sempre é possível que essa colaboração seja alcançada (Foucault, 2018). As relações de poder se estabelecem entre os sujeitos que participam do evento, as instituições envolvidas, os projetos apresentados e a maneira como são avaliados. Dessa forma, há toda uma organização que torna possível a Feira ser realizada, sendo isso feito por meio das comissões que são estabelecidas e que conduzem todo o processo, desde a estruturação do evento à culminância dos projetos.

As comissões estabelecidas são as seguintes: Comissão Permanente, Comissão Central Organizadora, Seminários de Avaliação, Assembleias e Cursos de Formação (Civieiro; Santos, 2020). Todas essas comissões contribuem para a realização da Feira e buscam agir de tal forma que possibilite que o evento alcance o objetivo para o qual foi criado. Nesse sentido, possuem dinamismo e se constituem em forças que direcionam as ações dos sujeitos participantes para atingir determinados fins, características pertinentes a um dispositivo, como argumenta Foucault (2018).

A Comissão Permanente acompanha toda a realização da Feira. Ela objetiva garantir os princípios que a norteiam, como seu caráter público e que englobe diferentes níveis de ensino. Por sua vez, a Comissão Central Organizadora tem o objetivo de garantir que haja as inscrições dos projetos, considerando as categorias, modalidades, critérios e ficha de avaliação. Na mesma direção, os Seminários de Avaliação garantem o caráter público e participativo da Feira, além de fazerem uma avaliação do evento como um todo (Oliveira; Piehowiak; Zandavalli, 2015).

Por sua vez, nas Assembleias ocorrem informes, avaliação da Feira, discussões sobre o local onde e como acontecerá o próximo evento. Já no que se refere aos Cursos de Formação de Professores, essa tem a função de orientar os professores sobre as normas estabelecidas para o desenvolvimento da Feira, além de proporcionar que haja ambientes de discussão entre os pares, promovendo troca de experiência entre eles.

Além dessa estrutura organizacional da Feira, há também a categorização dos projetos desenvolvidos em três modalidades, a saber: Materiais e/ou Jogos Didáticos; Matemática Aplicada e/ou Inter-relação com Outras Disciplinas; e Matemática Pura. A depender do tipo de projeto que foi desenvolvido, eles são categorizados nas categorias supracitadas e, nesse caso, pode-se pensar que não há neutralidade no desenvolvimento dos projetos, eles se mostram intencionais e afetados por relações de poder que os atravessam.

Ao se categorizar os projetos, há uma distribuição que busca promover a visibilidade e o reconhecimento desses, podendo estabelecer, nesse contexto, parâmetros do que é considerado um “bom projeto” ou um “projeto correto” e “digno de reconhecimento”, em cada uma dessas categorias. Dessa forma, imbricado nesse processo de categorização, há a normatização de sujeitos, que segundo Foucault (1975), é um processo em que são estabelecidos padrões que definem aquilo que é ou não aceitável em um determinado contexto.

Exemplo dessa normatização é a limitação do tamanho dos *stands*, que é padrão para todos os projetos expostos e mantém o local organizado. No caso dos sujeitos expositores, alguns exemplos

são: não interferir na apresentação dos outros colegas, manter limpo o local de apresentação e suas dependências, colaborar com o silêncio no local do trabalho, bem como respeitar as decisões do seu grupo de trabalho. Em relação a professores orientadores, a normatização acontece, por exemplo, à medida que precisam orientar os expositores quanto a seus comportamentos e atitudes, no evento e fora dele, além de precisarem zelar para que os estudantes mantenham a ordem, limpeza e conservação dos projetos e do local de apresentação. Sendo que os interessados a participaram da Feira devem estar cientes das orientações e adequar-se ao documento norteador que a regimenta (Regimento, 2018).

Para além disso, há também a categorização, considerando a etapa escolar dos sujeitos, sendo estas: Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais, Ensino Médio, Ensino Superior, Educação Especial e Professor e Comunidade. Ao analisar essa configuração da Feira, percebe-se que elas não apenas organizam os trabalhos apresentados, mas também atuam como um mecanismo de Biopoder. Não há apenas a categorização dos trabalhos e dos sujeitos, mas, há a promoção de discursos que discorrem sobre o que é ciência, o que é Matemática, o que é criatividade, o que é inovação, quem são os sujeitos aptos a participarem da Feira e em que condições isso pode acontecer (Foucault, 1975).

Essa observação da Feira realizada com lentes foucaultianas, permite percebê-la como um ambiente em que há relações de poder estabelecidas entre os sujeitos participantes, uma vez que há uma relação de força entre eles, sendo que o poder não é de um sujeito único, como por exemplo um professor orientador, ou pelos organizadores da Feira, mas exercido por eles (Foucault, 1999; 2014). Para Michel Foucault, o poder não é um lugar que se ocupa, nem um objeto que se possui: ele é luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica.

Nesse caso, como Foucault (2018) defende que, no mesmo lugar em que há poder, há também resistência, compreende-se que há ações de resistência no âmbito da Feira de Matemática, já que ela é atravessada por relações de poder. Tal resistência se manifesta, por exemplo, no protagonismo dos estudantes, o que subverte um modelo de ensino tradicional centrado no professor; na reinterpretação de categorias e modalidades, quando os sujeitos questionam ou tencionam as categorizações estabelecidas ao apresentarem projetos que não podem ser “encaixados” em nenhuma categoria ou modalidade.

Apesar disso, não há como negar que a Feira é um espaço em que ocorre a constituição de subjetividades docentes, à medida que os professores orientam os estudantes, acabam incorporando metodologias e discursos legitimados institucionalmente, tornando-se agentes na reprodução desse sistema de controle do conhecimento. Assim, ao estabelecerem normas e expectativas que orientam a aprendizagem e as práticas docentes, a FMat volta a configurar-se como instrumento de Biopoder. (Foucault, 2012). Nesse caso, há a oportunidade dos professores associarem teoria e prática (práxis) (Lombardi, 2015) ao participarem do evento, pois podem refletir sobre seus conhecimentos em relação a conteúdos matemáticos e interdisciplinares e de que maneira abordam os mesmos em sala de aula ou em projetos.

Assim, ao estabelecerem critérios normativos que regulam a produção e a circulação do conhecimento matemático, a estrutura organizacional da Feira estabelece o que pode ser apresentado, como deve ser estruturado e quais critérios definirão os melhores projetos. Além disso, ao organizarem os sujeitos em diferentes categorias, a FMat segmenta-os, moldando seu desempenho e conduzindo-os a um modelo de produtividade e eficiência, tal como um dispositivo de Biopoder.

3 O conhecimento matemático

Para Zermiani (1996), a aprendizagem matemática ocorre por meio da pesquisa, da criatividade e do trabalho em equipe, promovendo a autonomia dos estudantes, possibilitando uma nova percepção da Matemática e incentivando os professores a refletirem sobre suas práticas docentes. Nesse contexto, o conhecimento matemático assume uma importante posição no processo de ensino.

De acordo com Foucault (2018) o conhecimento é determinado como verdadeiro ou válido a partir de discursos que os estabelecem. No contexto da Matemática, isso implica que o ensino, o estudo e a valorização dessa área, não se resumem a descobertas puramente objetivas, mas resultam de práticas discursivas que moldam a compreensão do que se considera "matemática". Ou seja, os conteúdos de Matemática são frutos de processos históricos, culturais e sociais que influenciam quais conceitos são considerados legítimos e relevantes (Santana; Menduni-Bortoloti; Giraldo, 2024).

Nesse sentido, o conhecimento matemático não pode ser entendido como um conjunto neutro e atemporal de verdades universais, mas sim como um saber historicamente construído, regulado por relações de poder e articulado dentro de dispositivos que organizam o que pode ser dito, pensado e praticado no campo da Matemática.

Considerando que a Feira de Matemática é um espaço importante para que ocorra apropriação de conhecimento, principalmente matemático, pelos sujeitos é relevante o pensamento de que isso ocorra com diferentes conteúdos, haja vista que existem diferentes modalidades para a elaboração de projetos. De acordo com Santos, Trindade e Júnior (2019), a FMat contribui para o processo de construção, manipulação e exposição de materiais concretos, o que implica em mudanças de comportamento, tanto por parte de professores quanto de estudantes, possibilitando uma materialização de alguns conceitos matemáticos.

Além disso, Rodrigues *et al.* (2024) afirmam que ao participarem da Feira, os professores podem refletir sobre a organização e estruturação do conteúdo de matemática, a compreensão de conceitos, o aprimoramento de habilidades e a adoção de estratégias para a resolução de problemas. Isso pode estimular que esses sujeitos explorem abordagens criativas no ensino da disciplina, utilizando recursos tecnológicos e lúdicos.

4 Alguns resultados

Com o objetivo de discutir como a Feira de Matemática se constitui como dispositivo de Biopoder, foi realizado um ensaio teórico, fundamentado em autores clássicos e contemporâneos da área, sendo a bibliografia mobilizada em *sites* de cunho científico. Os textos foram observados de maneira que pudessem ser feitas as relações entre a FMat e os dispositivos de Biopoder, classificando-a como um desses dispositivos.

Os resultados encontrados até o momento permitem compreender que a Feira não é apenas um evento educacional, mas dispositivo de Biopoder e age de maneira tal, atravessada por discursos, que contribuem para a constituição dos sujeitos envolvidos. Ao regular práticas, influenciar discursos e estabelecer padrões, a FMat torna-se espaço de produção e legitimação do conhecimento matemático, impactando a formação dos estudantes, professores e demais profissionais da educação que dela participam. Assim, ao analisar a FMat sob a ótica foucaultiana, evidencia-se como o poder opera na esfera educacional, moldando saberes, identidades e relações, reafirmando a indissociabilidade entre conhecimento e poder.

Assim sendo, as Feiras de Matemática não são apenas eventos científicos e pedagógicos, mas também dispositivos que influenciam a constituição dos sujeitos envolvidos, atravessando-os e moldando-os no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem da Matemática. Por esse motivo, há a necessidade de contínua reflexão sobre a gestão de eventos como a FMat, bem como de que maneira as relações de poder que existem, sejam no micro ou no macro, atravessam os sujeitos que dela participam, provocando efeitos tanto nos sujeitos quanto na própria maneira de conceber a Matemática.

Além disso, a FMat contribui para o desenvolvimento profissional dos docentes, incentivando a reflexão sobre suas práticas pedagógicas e o uso de estratégias diversificadas no ensino. Esse processo favorece não apenas a aprendizagem dos estudantes, mas também a formação continuada dos professores, permitindo-lhes explorar abordagens inovadoras e críticas. Por fim, ao ser considerada a perspectiva foucaultiana, percebe-se que a Feira de Matemática não é apenas um espaço de ensino e aprendizagem, mas também um dispositivo de Biopoder. Assim, esses eventos cumprem um papel fundamental na Educação Matemática, promovendo um ensino mais significativo, contextualizado e alinhado às demandas sociais, reafirmando como o Biopoder também está presente na esfera educacional.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. C. Abordagens teóricas e metodológicas na Educação Matemática: aproximações e distanciamentos. In: OLIVEIRA, A. M. P. de; ORTIGÃO, M. I. R. (org.). *Abordagens teóricas e metodológicas nas pesquisas em educação matemática*. Brasília: SBEM, 2018. p. 17-57.

BERTOLINI, J. O conceito de Biopoder em Foucault: apontamentos bibliográficos. *Saberes*, Natal, v. 18, n. 3, p. 86-100, 2018.

CIVIERO, P. A. G.; SANTOS, A. F. dos. Movimento Feiras de Matemática: reflexões sobre o processo de expansão e seus princípios. In: *Série Educar – Volume 25 – Matemática*. Belo Horizonte: Poisson, 2020.

FOGAÇA, F.; WANDERER, F. Neoliberalismo e a constituição de professores de Matemática na sociedade infocrática da sedução. *Revista Diálogo Educacional*, [S. l.], v. 24, n. 83, 2024. DOI: 10.7213/1981-416X.24.083.DS08. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/31883>. Acesso em: 10 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso dado no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

FOUCAULT, M. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 22. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2018.

GRILO, J. S. P.; BARBOSA, J. C.; MAKNAMARA, M. O dispositivo da especificidade matemática e a produção do sujeito-professor(a)-de-matemática. *Zetetiké*, Campinas, SP, v. 29, p. 1-18, 2021.

LOMBARDI, J. C. Pedagogia Histórico-Crítica: desafios para sua implementação. In: *Congresso Pedagogia Histórico-Crítica: educação e desenvolvimento humano*, Unesp, Bauru, 2015. Disponível em: https://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/04072017_zezo_pedagogia_historico_critica_bauru_versao_final.pdf. Acesso em: 31 jan. 2025.

OLIVEIRA, F. P. Z. de; PIEHOWIAK, R.; ZANDAVALLI, C. Gestão das Feiras de Matemática: em movimento e em rede. In: *Feiras de Matemática: percursos, reflexões e compromisso social*. Blumenau: IFC, 2015.

REGIMENTO DA VI FEIRA NACIONAL DE MATEMÁTICA. In: *Anais VI Seminário de Avaliação das Feiras Catarinenses de Matemática*, Rio Branco, AC, 2018. p. 499-516. Disponível em: https://www.sbemrasil.org.br/feiradematematica/anais_VI_fnmat.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

RODRIGUES, M. U.; ANDRADE, P. M. F.; BRITO, A. de J.; KOCHHANN, MA. E. R.; Inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no espaço formativo das Feiras de Matemática. *Revista Even. Pedagógica*, Sinop, v. 15, n. 3 (40. ed.), p. 1142-1162, ago./dez. 2024.

SANTANA, F. C. de M.; MENDUNI-BORTOLOTTI, R. D'A.; GIRALDO, V. A. Matemática Específica da Ação do Sujeito-Professor(a): entre o poder e o saber. *Boletim Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GEPEM)*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 29-54, 2024.

SANTOS, C. da S. S.; TRINDADE, A. K. B. da; JÚNIOR, F. de P. S. de A. Estudo de sólidos geométricos e suas planificações por meio de uma feira de conhecimento. *Revista Encantar: Educação, Cultura e Sociedade*, Bom Jesus da Lapa, v. 1, n. 3, p. 127-144, set./dez. 2019.

ZERMIANI, V. J. Histórico das feiras catarinenses de Matemática. *Revista Catarinense de Educação Matemática – SBEM SC*, ano 1, n. 1, 1996.